

# POR QUE XINGAM OS TORCEDORES DE FUTEBOL?

**Luiz Henrique de Toledo**

**RESUMO:** Este artigo analisa o padrão de comportamento expresso através da fala dos torcedores de futebol, tendo em vista as dimensões simbólicas contidas neste tipo de interação verbal.

**UNITERMOS:** Futebol - Ritual - Torcedor - Comportamento Verbal - Agressividade - Sistemas de Classificação.

*"Mas, se nas relações humanas em geral, o nome feio produz esse impacto criador e libertário, que dizer do futebol? Eis a verdade: - retire-se a pornografia do futebol e nenhum jogo será possível. Como jogar ou como torcer se não podemos xingar ninguém?" (NELSON RODRIGUES, "Bocage no Futebol", Manchete Esportiva, 1956. Crônica Reproduzida em Às sombras das chuteiras imortais. São Paulo, Companhia das Letras, 1993)*

Discuto e analiso, nos limites deste artigo<sup>1</sup>, a *fala torcedora* proveniente das praças esportivas e, mais particularmente, o comportamento verbal entre os torcedores de futebol.

Desde as primeiras décadas deste século, o futebol, enquanto acontecimento esportivo e de encontro, tanto de grupos das elites quanto de segmentos populares, como espaço de sociabilidade, portanto, vem enriquecendo uma linguagem popular e urbana. Pois, para além da sua prática consubstanciada no esforço físico, destreza e habilidade no trato da bola

por parte daqueles que jogam, a fruição do futebol consiste também em uma experiência *da ordem do vivido e do falado*; fenômeno recorrente do imaginário popular acionado verbalmente no discurso cotidiano e que é recriado e reinventado diariamente através de uma linguagem que transcende o tempo e o espaço ritualísticos do momento de cada partida.

Todavia, se existe, de fato, uma interpenetração entre os códigos verbais da fala cotidiana e aquela oriunda do universo do futebol, não é menos verdade que diferenças significativas se impõem entre estas duas ordens da realidade social, sobretudo no que diz respeito à natureza dessas duas realidades, uma cotidiana e outra ritualística, do ponto de vista do comportamento observado entre os

---

1. Título inspirado em SEEGER, A.: "Por que os Índios Suyá Cantam para as suas Irmãs?". In VELHO, G. (org.). *Arte e Sociedade: Ensaios de Sociologia da Arte*. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.

indivíduos no dia a dia, por um lado, e na condição de torcedores em dias de jogos, por outro.

Na percepção genérica dos torcedores, o acontecimento *futebol* é o momento e o lugar da permissividade, dos contatos verbais e corporais mais intensos e extremos, da subversão dos espaços, do ritmo das ruas e da ocupação dos equipamentos urbanos, trens, ônibus e metrô: irrupção de solidariedades, preferências, *vontades gerais* de grupos que se identificam e se contrapõem, mobilizando os indivíduos em nações<sup>2</sup> - corintianos, palmeirenses, são-paulinos, santistas, etc.

Parafraseando Clifford Geertz (1989:137) e como demonstram vários outros estudos<sup>3</sup>, o futebol recorre a quase todos os níveis da experiência brasileira: hierarquias, desigualdades, crenças, interesses políticos e econômicos, etc. E, especificamente, o desenrolar cotidiano da vida social consiste na referência básica sobre a qual igualmente se desenvolvem as estruturas verbais do domínio do futebol.

Para que se possa tornar inteligível o fenômeno coletivo da fala torcedora, observar sua especificidade e intercâmbio com a linguagem falada no dia a dia, é preciso, antes de tudo, como sugere Mauss, “(...)levar em conta as várias estruturas sociais e as práticas e representações coletivas(...)”<sup>4</sup> que emergem deste

discurso cifrado e vulgarizado em quatro modalidades básicas de expressão observadas: *vaias, xingamentos, cantos e/ou gritos de guerra*.

Uma primeira diferenciação significativa, que contrasta a linguagem utilizada no domínio do futebol (sobretudo entre os torcedores) com aquela do cotidiano, é o predomínio, no primeiro, de uma fala mais *musicada* na expressão dos sentimentos, vontades e opiniões. Aqui, um simples *palavrão* ganha contornos mais definidos em termos rítmicos e harmônicos. Outra diferenciação significativa é a presença de uma fala que se expressa também de forma coletiva, *em coro*, algo quase que inexistente no linguajar individual e atomizado do cotidiano. Tanto o recurso musical quanto o *coro* são observados em outras circunstâncias rituais, tais como *procissões, paradas* ou mesmo formas de protesto da sociedade civil, como, por exemplo, as manifestações *pró-impeachment* do então presidente Fernando Collor no ano de 1992.

A *fala musicada* foi bem observada por Thomaz Mazzoni, historiador do futebol brasileiro, desde os primórdios do futebol praticado na cidade de São Paulo:

“(...) Numa tarde chuvosa, quando entravam no gramado do Velódromo para restabelecer seu treino, interrompido pela chuva, os rapazes do Paulistano despejaram-se das arquibancadas para o campo, aos berros de ALLEZ-GOHACK, palavras atiradas ao ar por Olavo de Barros e Renato, de júbilo pela estiação que se fizera. Repetido depois, por qualquer pretexto, pela turma do Paulistano, aquele estrangeirismo que significava 'PARA A FRENTE, AVANTE' acabou abraileirando-se no 'ALÊ-GUÁ-GUÁ-GUÁ HURRAH', que se transformou mais tarde no hino do Paulistano. Tinha sido lançado o primeiro hino futebolístico e, atrás dele, por espírito de imitação, vieram os outros, o do Mackenzie, por exemplo: - 'back, tetéque: black-tetéque, éque, éque'; o do Palmeiras; o do Fluminense; o do Botafogo; o do América, etc(...)” (MAZZONI, 1950).

2. O termo *nação* é muito utilizado pela imprensa para designar toda a torcida de um time.

3. O futebol, estudado como o lugar privilegiado das dramatizações sociais brasileiras, foi bem focado por uma gama de autores, entre os quais destacaria Da Matta (1982). Para Da Matta, o *drama* é o ingrediente básico do processo de ritualização. Assim, “(...) o drama chama a atenção para relações, valores, ideologias que, de outro modo, não poderiam estar devidamente isolados dos motivos que formam o conjunto da vida diária(...)” (DA MATTA, op. cit.).

4. Conforme Marcel Mauss no texto “Relações Jocosas e de Parentesco”. In CARDOSO DE OLIVEIRA (org), MAUSS, Coleção Grandes Cientistas Sociais, SP, Ática, 1979.

Vejam os outros cantos e gritos de guerra contemporâneos:

1. Aleguá-guá-guá! Aleguá-guá-guá!  
Hurra! Hurra! CORINTHIANS

2. Corinthians campeão, pau no cu do meu patrão!

3. E, ê, ê, ê, ê  
Quem tem cabeça feita dá porrada sem correr!  
(adaptação da marcha Índio quer apito de Haroldo Lobo e Miltã de Oliveira/1961)

4. Ê, ê, ê,  
Pau na bunda do gambé (polícia militar)

5. O, ô, ô, ô,  
Corintiano maloqueiro e sofredor  
Graças a Deus!

6. Chora porco (alusivo ao Palmeiras) imundo,  
São Paulo é campeão do mundo!

7. E, ô, ê, ô  
Pau no cu do tricolor (São Paulo)!

8. Inha, inha, inha,  
Gavião (Torcida Organizada do Corinthians)  
virou  
galinha!

9. Segunda-feira, é terça-feira,  
Filha da puta é quem torce pro Palmeiras!

10. Au, au, au, au, au, au,  
Pega o peixe (Santos, Mengo, Vasco, porco, etc)  
E enfia o pau!

11. E dá-lhe Porco (Palmeiras)! E dá-lhe Porco  
Olê, olê, ola!

12. Explode coração, na maior felicidade! É lindo ver o Palmeiras, contagiando e sacudindo esta cidade! (adaptação do samba-enredo da escola de samba carioca Salgueiro/1993)

13. São Paulo entra em campo, torcida se levanta. E só dá ela! Ê, ê, ê, ê, ê, ê, bota pra fuder! (adaptação da marcha Garota bossa nova, W. Batista, A. Almeida e J. de Castro, 1961).

14. Doutor eu não me engano, meu coração é corintiano (marcha de M. Ferreira, R. Amaral e G. Junior, 1969)

15. Doutor eu não me engano, filha da puta é corintiano!

A lista estende-se ao infinito; a *bricolagem* das marchinhas<sup>5</sup> acima remete a uma série de significações interessantes, para além da obviedade dos palavrões proferidos. O primeiro hino desta lista (aleguá-guá-guá...), como enfatizou Mazzoni, foi adaptado de palavras estrangeiras, na exaltação aos times do começo do século, e possui significados restritos, que não vão além de uma imediata maneira de incentivar tais times, através de palavras quase impronunciáveis. Os demais, denominados cantos e *gritos de guerra*, são bem mais recentes e de domínio exclusivo da fala torcedora, já que os hinos oficiais dos clubes e dos times atuais perderam o estrangeirismo dos hinos originais, e são destituídos de palavrões.

Satíricos, jocosos, ofensivos, grotescos, engraçados, alguns criativos, enfim, estes cantos e *gritos de guerra* traduzem uma série

---

5. O termo *marchinha* ou *marcha*, utilizado aqui, é apropriado pois grande parte destes *cantos torcedores* são adaptações deste estilo popular de música (compasso binário com a marcação acentuada do tempo forte) muito difundido nas festas carnavalescas brasileiras. As marchinhas possuem como característica básica a *sátira* como forma expressiva de comunicação. Este fato confere uma especificidade à forma em que são veiculados os cantos e *gritos de guerra* entre os torcedores no Brasil.

de visões do outro expressas nesses padrões de comportamento verbal típicos entre torcedores de futebol. Para além da gratuidade e obviedade das agressões disparadas das arquibancadas, como pensam alguns, os duelos verbais travados entre torcedores devem ser compreendidos dentro de uma trama ritual de significações simbólicas, filtradas e codificadas em músicas e versos, a partir de temas e *pares de oposição* mais recorrentes na própria sociedade.

Desse modo, a disputa futebolística consiste em um substrato privilegiado desta linguagem jocosa que coloca em evidência, sugerindo um confronto, as diferenciações sociais entre as classes, a oposição e os papéis desempenhados e atribuídos aos sexos (*futebol é pra homem*), as fissuras entre público e privado, as relações de poder (*tudo quanto é 'cartola'<sup>6</sup> é ladrão*).

Poderíamos classificar estes cantos e gritos de guerra em quatro categorias: aqueles de *incentivo* ao time preferido (ou a jogadores individualmente, os heróis e ídolos), os de *protestos* (em virtude de situações variadas), outros que aqui denomino de *intimidadores* (diante de adversários, juízes, jogadores do outro time, etc) e os de *auto-afirmação* das próprias torcidas, particularmente das Torcidas denominadas Organizadas.

Os palavrões invariavelmente trazem a temática da sexualidade e estão distribuídos nas quatro categorias de cantos, porém com atribuições distintas. Geralmente, nos cantos que se referem aos *incentivos* e *auto-afirmação*, os palavrões utilizados exaltam atributos masculinos de potência e virilidade, remetendo ao domínio da força ante os opositores. Aqui, palavras como *caralho* e *porra* são comumente usadas e acionadas:

"(...) *porra, caralho, torcida de cuzão, quem manda nesta porra é a torcida do Verdão (...)*" (eventualmente o Palmeiras. Entretanto, pode ser cantado por outras torcidas de outros times);

"(...) *Sou, Independente* [ou Gaviões, Torcida Jovem, etc], *eu sou! Vou dar porrada eu vou! Ninguém vai me segurar, nem a PM!(...)*".

Nos cantos de *protestos* e *intimidação*, os palavrões são opostos e exprimem a *passividade sexual*, subordinação, inferioridade e *fraqueza*, tanto dos jogadores quanto dos torcedores adversários:

"(...) *Corinthians veio pra vencer, Corinthians veio pra vencer, Corinthians veio pra vencer! E o Palmeiras se fuder!(...)*";

"(...) *Independente* [Torcida Organizada Tricolor Independente] *vem dar o cu pra gente(...)*".

Tais padrões de conduta e agressividade caminham, portanto, basicamente sobre alguns polos bastante conhecidos: torcedores do time A versus torcedores do time B; torcedores em geral versus juízes, bandeirinhas, dirigentes, a polícia militar; torcedores versus jogadores; torcedores versus outros atores envolvidos com o jogo, por exemplo, os *gandulas*<sup>7</sup>; torcedores versus não-torcedores (transeuntes, trabalhadores dos equipamentos urbanos utilizados pelos torcedores, etc). Assim, "(...) encontramos-nos certamente face a um caso dessas *joking relationships* definidas na literatura antropológica como recurso social, código de expressão das ambiguidades da relação, articuladas pelos mecanismos concomitantes da aliança e do conflito (...)"(DUARTE, 1985).

Tanto o futebol quanto as temáticas

6. A palavra *cartola* designa, em termos genéricos, os dirigentes do futebol. A indumentária cartola, como se sabe, remete a um estereótipo de riqueza e poder.

7. Os denominados *gandulas* são pessoas que ficam nas laterais do campo de jogo, encarregados de apanhar a bola quando esta é chutada para fora das linhas que demarcam o campo de futebol.

correlatas expostas nos palavrões, tais como sexo e política, pressupõem estruturas de aliança e conflito. O crescente caráter competitivo adquirido pelo futebol, aliado ao padrão de comportamento mais ostensivo inaugurado pelas Torcidas Organizadas, somados à identificação do futebol com a virilidade e ainda todas as relações de poder que envolvem os variados interesses nele contidos, proporcionam às relações jocosas e agressivas uma significação importante no entendimento do comportamento verbal contido na fala torcedora.

Em 1974, um artigo publicado na Revista Placar advertia: “(...) *outro tipo de violência - o menos grave - que se torna mais intenso de jogo para jogo é o palavrão. Não o palavrão gritado numa explosão de raiva contra o juiz, o beque que dá uma cacetada ou o atacante que perde um gol feito, mas o palavrão gritado em coro durante a partida inteira, por qualquer motivo - ou até sem motivo, só para fazer graça. Mesmo pessoas que não ligam muito para o linguajar já começam a não levar suas mulheres aos estádios (...)*” (AREOSA, 1974).

O artigo acima testemunha um certo padrão nascente de manifestação, através de um comportamento verbal que até então era vivenciado de maneira mais esporádica e atomizada, o palavrão, proferido apenas *num momento de raiva* pelos torcedores dispostos nas arquibancadas dos estádios. Segundo o autor do artigo, deve-se resguardar as mulheres no espaço privado e seguro da esfera doméstica para não ficarem expostas às barbáries viris, masculinas e públicas de um certo comportamento verbal no futebol, que progressivamente muda.

Observa-se que a mudança de um comportamento individual e, digamos, circunstancial de manifestação ríspida *dentro* dos estádios diante dos atores do jogo (jogadores, juizes) para formas mais coletivas e diretas de interação social demarca o transbordamento do uso apenas metafórico do palavrão para *fora*

dos estádios, observado nas ruas, ampliando assim as dimensões da disputa, do comportamento mais intolerante, das contendas e da possibilidade dos conflitos físicos. O radialista Fiori Gigliotti, da rádio Bandeirantes de São Paulo, testemunha tais ocorrências: “(...) *a gente caminha na 9 de Julho, vai em direção ao estádio [Morumbi], eu não vejo somente ônibus levando Torcida Organizada, mas ônibus comuns da CMTC [Companhia Municipal de Transportes Urbanos] levando torcedores, que se juntam ali, no ponto de partida, dentro daquela torcida, execrando velhinhas, execrando namorados com palavrões(...)*” (GIGLIOTTI, depoimento gravado em debate na Federação Paulista de Futebol em 1992)

Passemos a analisar os interlocutores que estão envolvidos com o uso de tais cantos e gritos de guerra.



A primeira e mais recorrente interação verbal ocorre entre torcedores contrários. Além das conotações sexuais, claramente percebidas pelos exemplos recolhidos e selecionados acima, os xingamentos evocam alguns outros princípios e grades classificatórias que permeiam diversos atributos observados nas sociedades complexas. Porém, o conteúdo utilizado nestas interações verbais apresenta-se de modo dinâmico e varia conforme a provocação e sua recepção, não adquirindo, *a priori*, uma configuração rígida.

Os corintianos, por exemplo, eram frequentemente chamados de *maloqueiros*, *cachorros* e *favelados* por outras torcidas. Invertendo estes atributos, *a priori*, negativos e impostos pelos *outros*, passaram a assumir tais adjetivos e a se identificarem ainda mais com a imagem de *time do povo - corintiano maloqueiro e sofredor, graças a Deus*. O mesmo se deu com os palmeirenses, que esvaziaram o sentido da provocação quando eram chamados de *italianos* e *porcos*. Grande parte da torcida

assumiu tal animal como mais um símbolo ou mascote. Porém, o mesmo não ocorreu com o termo *cachorro*, frequentemente associado aos corintianos. As ambiguidades sexuais que alimentam o imaginário ao redor da figura do *veado* remetem aqueles que estão sendo xingados ao universo feminino e *frágil*, hostil, portanto, ao universo popular masculino predominante no futebol. Por sua vez, tais atributos recaem, ainda que não correspondam obviamente a reais estratificações, sobre as classes mais abastadas identificadas idealmente nos são-paulinos (tricolores paulistas), tricolores cariocas (Fluminense), os *frescos*, *pó-de-arroz* e *cuzões*: “ô, ô, ô, ô, todo 'viado' que eu conheço é *tricolor*”. A maior organização de torcedores existente no Brasil, Torcida Organizada Gaviões da Fiel do Corinthians, é surpreendida por outras torcidas contrárias com o coro provocativo “*inha, inha, inha, gavião virou galinha*”. Ao contrário da astúcia atribuída ao gavião, a galinha, por ser um animal doméstico está em uma condição mais *inferiorizada* que aquele. Frequentemente, outras torcidas também se servem dos animais domésticos para apupar o adversário, como é o caso dos pontepretanos, ao xingarem os torcedores do Guarani Futebol Clube, da cidade de Campinas<sup>8</sup>, também de *galinhas*.

Quando as torcidas escolhem animais como símbolos ou mascotes<sup>9</sup>, é muito comum optarem entre uma série composta basicamente por *animais selvagens* (leão associado à torcida da Portuguesa de Desportos e outras torcidas pelo Brasil, gorila associado à torcida organizada da Associação Atlética Ponte Preta de Campinas, baleia ao time do Santos, raposa

ao Cruzeiro de Minas Gerais, etc). Ao passo que a proximidade, contiguidade (de ordem metonímica), simbiose e hierarquia (superior/inferior) que demarcam a relação existente entre a espécie humana e alguns outros animais, sobretudo os *animais domésticos*, faz com que estes últimos signifiquem e componham o universo metafórico do xingamento (burro, pato, cachorro, galinha). Os exemplos se multiplicam.

Há neste jogo verbal, portanto, o entrecruzamento e o amálgama de vários princípios e níveis classificatórios, que remetem aos estereótipos de classes sociais, atribuições sexuais e políticas, hierarquias e desigualdades, etc. E, vale ressaltar, parte desse conjunto de nomeações e categorizações utiliza-se preferencialmente do reino animal (porco, galinha, cachorro, gavião, etc) como via de acesso, mediação, *instrumento conceitual* (Lévi-Strauss, 1989:169) das representações sociais. Tais classificações definem, no nível amplo do imaginário torcedor, o estatuto e a nomeação das torcidas umas perante as outras: os *maloqueiros*, os *frescos*, os *burgueses*, os *pobres* e os *ricos*, os *aguerridos*, os mais *fiéis*, *expansivos*, *fanáticos*, etc.

De outro modo, as torcidas se unem, numa espécie de acordo implícito, para apupar tanto as figuras ambíguas do jogo, os *gandulas*, quanto aquelas que hierarquicamente representam o poder: a PM, os juizes e dirigentes (*cartolas*). O *gandula* é frequentemente chamado de *cornos* e *viado*, embora sua interferência efetiva no resultado do jogo seja praticamente nula. No entanto, por ser uma personagem ambígua, na medida em que pisa o *solo sagrado* em torno do campo e, no entanto, possui uma atitude de *fraqueza* e impotência no trato com a bola (ele a devolve com as mãos, diferentemente do goleiro, que também se utiliza das mãos porém com técnica e plasticidade), é frequentemente vaiado e xingado, quer tenha motivado ou não tal atitude por parte dos torcedores.

8. A propósito, consultar o texto de Leach sobre os *insultos verbais*, citado na bibliografia.

9. Existem outras séries classificatórias utilizadas pelos torcedores para simbolizar times e torcidas, tais como personagens de histórias em quadrinhos (Mancha, Irmãos Metralhas, Zé Carioca, etc) ou divindades e seres míticos e fictícios (santos, serpentes, dragões, saci, etc).

Os xingamentos aos juizes são mais evidentes, pois estes representam hierarquicamente o poder e a autoridade (às vezes o autoritarismo, pois não se pode reclamar do juiz) dentro de campo.

A agressividade mútua sempre latente entre torcedores e policiais também alimenta tais expressões verbais: “*PM, cuzão, larga a arma e sai na mão*”. Além das diferenças patentes entre aqueles que representam o poder (PM) e os *comuns*, esta tensão se desdobra também em parte pela fissura de *temporalidade e posição* ocupada tanto por torcedores quanto por policiais: os primeiros situam-se na temporalidade do rito e os segundos, do cotidiano. Afinal, os policiais estão lá trabalhando, cumprindo um dever, enquanto os torcedores vivenciam um tempo livre, fazem a festa e a algazarra. Ambos os grupos compartilham e disputam o espaço comum do estádio e arredores. Desse modo, a interação verbal ríspida ou até mesmo física é corrente nestas circunstâncias. Todavia, deve-se observar que algo de proibitivo resguarda esta batalha verbal, na medida em que, neste caso, diferentemente da interação torcedor-torcedor, o uso de palavrões é sancionado apenas por parte dos torcedores. Pois, sendo a relação torcedor-policial vertical e não horizontal, ela se estabelece de modo diferenciado. Assim, os xingamentos adquirem um sentido nítido de protesto e zombaria, resguardados pelo anonimato e ocultamento daqueles que fazem parte da massa torcedora, em relação aos representantes mais imediatos do poder. Os xingamentos, guardadas estas características, possuem invariavelmente uma única via de expressão.

Tem-se tornado cada vez mais constante a interação verbal entre torcedores de futebol com aqueles que não participam e nem sequer partilham do momento do futebol. Nesta categoria de não-torcedores incluem-se todos aqueles que estão na rua, transeuntes, motoristas, comerciantes, indivíduos traba-

lhando<sup>10</sup> ou namorando (como frisou o radialista Gigliotti citado mais acima), etc que, alheios ao acontecimento, são xingados e agredidos verbalmente por grupos de torcedores a caminho dos estádios (ou de volta deles) sem que, na maioria das vezes, tenham motivado tais atitudes. Aqui novamente entram em conflito duas situações e dois códigos diferenciados: o do desenrolar de um cotidiano (ou alguma outra atividade) daqueles que ignoram o fato futebolístico e o do ritual do futebol. Vale ressaltar que é muito comum na sociedade brasileira a transitividade e a existência de *inversões, contaminações* e mediações entre papéis, códigos e universos que deveriam, a princípio, estar mais delimitados (como público e privado, para citarmos uma problemática estudada por Roberto Da Matta).

Com frequência os indivíduos, na pessoa<sup>11</sup> de torcedores, hostilizam os indivíduos *não-torcedores*, cidadãos alheios à totalidade imposta pela *vontade geral* instituída pelo torcedores (na torcida vale o todo e não o indivíduo). Não é raro não-torcedores serem execra-

---

10. Os funcionários do metrô paulistano são denominados pejorativamente pelos torcedores de *urubus*. Ainda que a cor do uniforme (preta) desses funcionários remeta diretamente a plumagem daquele animal, não obstante os torcedores poderiam chamá-los de *gatos pretos, panteras negras, corvos*, etc. O urubu, nas grandes cidades, é o animal que vive também em simbiose com o ser humano, consumindo os restos e o lixo da civilização, inferiorizado, portanto, em uma escala hierárquica de natureza e cultura. Daí expressar um xingamento, como foi visto acima.

11. A análise remete à distinção entre *indivíduo e pessoa*, elaborada, a partir de outros autores, por Da Matta. Segundo ele “(...) a noção de pessoa pode então ser sumariamente caracterizada como uma vertente coletiva da individualidade, uma máscara que é colocada em cima do indivíduo ou entidade individualizada [linhagem, clã...clube, associação, etc] que desse modo se transforma em ser social.(...) Tudo indica termos uma situação onde o indivíduo é que é a noção moderna, superimposta a um poderoso sistema de relações pessoais.(...) O Carnaval, o futebol, a patronagem e o sistema de relações pessoais são fenômenos estruturais (...)” (DA MATTA, 1979:173).

dos (como perdedores) por grupos torcedores, como se não tivessem a opção individual de não pertencerem a nenhuma associação de torcedores, à estrutura segmentar, hierárquica e relacional estabelecida pela estrutura do jogo. Este fato explica porque as abordagens e hostilidades geralmente ocorrem entre grupos de torcedores contra indivíduos isolados. Quando torcedores se encontram sozinhos a caminho dos estádios, é raro configurar-se este estado de ânimo *alterado* observado quando estão em grupo. Sozinhos, rompem o sentimento de *pertença* e retornam ao anonimato da individualidade. Cessam os xingamentos e as provocações.

Este *sistema de agressão canalizada* (DUARTE,1985) entre os diversos atores envolvidos com o futebol expressa de modo veemente tanto o jogo social desigual das sociedades brasileira quanto, de maneira geral, o próprio fundamento do futebol, disputado entre dois times, que tem como princípio básico buscar não o consenso ou equilíbrio (como, em outro plano, frisou Radcliffe-Brown a respeito das relações de amizade e evitação por ele estudadas) mas, antes, uma superação técnica que exige um esforço físico. E, no que concerne às torcidas, tal superação é dada por aquela que xingar, cantar e incentivar mais o seu time.

É significativo observar a homologia existente entre o aumento da competitividade e agressividade na disputa dos jogos de futebol ao longo das últimas décadas<sup>12</sup>, o surgimento das Torcidas Organizadas, o aumento do uso de palavrões vindos das arqui-

bancadas, bem como a banalização de variadas formas de violência e transgressão nos grandes centros urbanos brasileiros. E, de certa forma, pelas dimensões de massa que o futebol assume, estas transgressões são efetivamente mais recorrentes.

Em suma, a utilização dos palavrões em boa parte dos cantos e *gritos de guerra* não pode ser pensada apenas como agressividade gratuita e destituída de sentido. Ao contrário, eles fazem parte de padrões de conduta e comunicação na expressão dos conflitos, negociações e protestos. Tais padrões de comportamento verbal reportam-se, como frisamos, de maneira dramática e ritual, sempre aos temas e características da sociedade brasileira: representação de uma certa proeminência da condição masculina, códigos de sexualidade, relações de mando e obediência, estereótipos sociais, hierarquias, desigualdades, etc.

Concluindo, Marcel Mauss auxilia-nos a generalizar as observações precedentes sobre os cantos, vaias e xingamentos coletivos dos torcedores de futebol afirmando que "(...) todas as expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo, são mais que meras manifestações, são sinais de expressões entendidas, quer dizer, são linguagem. Os gritos são como frases e palavras. É preciso emití-los, mas é preciso só porque todo o grupo os entende. É mais que uma manifestação dos próprios sentimentos, é um modo de manifestá-los aos outros, pois assim é preciso fazer. Manifesta-se a si, exprimindo aos outros, por conta dos outros. É essencialmente uma ação simbólica (...)" (MAUSS,1979:153).

Mais ainda, tais palavrões perdem parte da sua rudeza imediata e conotação moral no contexto ritual das partidas de futebol, quando proferidos entre os torcedores. No cotidiano, os palavrões são mais comumente utilizados como linguagem e como sinalizações verbais ríspidas nas relações de conflitos e discórdias entre contendores. Porém, nos dias de jogos, e

12. A análise de dados parciais de uma pesquisa elaborada pelo departamento de Educação Física da UNESP mostra que a crescente profissionalização do futebol somada às recompensas financeiras intensificaram as atitudes *anti-fair-play* nos espetáculos futebolísticos. A pesquisa ainda compara dados recolhidos no campeonato israelense de 1990. As tabelas resumidas destas pesquisas foram publicadas no jornal OESP, 7 de junho de 1990.

sobretudo entre aqueles que estão investidos da condição de torcedores, são desferidos em meio a outros comportamentos expressivos (VELHO,1987) tão importantes quanto a própria fala<sup>13</sup>. Desse modo, os *palavrões* incorporam-se ao espetáculo como mais uma via de expressão das emoções, alegrias, tristezas, tensões, delimitação das diferenças, adesão às torcidas. O que importa é sempre exagerar, demarcar e estabelecer as diferenças entre as torcidas, entre os times, as torcidas e policiais, juizes, e demais atores comprometidos com a *efervescência* (DURKHEIM,1989) do espetáculo.

Por outro lado, todos estes *comportamentos expressivos* observados, que ditam a conduta torcedora dentro do ritual futebolístico, quando extravasados dos limites socialmente aceitos ou mesmo aproximados às condutas que regulam a esfera cotidiana, perdem o caráter de permissividade e certa tolerância, passando a adquirir características nitidamente transgressoras, de *baderna*, *caos* e maior possibilidade de conflitos. É o que se tem observado ultimamente na interação torcedor/não-torcedor.

---

13. É comum ouvirmos de torcedores que a camisa, a bandeira ou faixas dos adversários são *palavrões*. Aqui a pura verbalização passa a se constituir em um meio de comunicação mais secundário, já que outros comportamentos expressivos, tais como corpos tatuados, rostos pintados, símbolos, objetos, cumprem a função da comunicação. Dessa forma, por exemplo, a mera exposição das bandeiras ou camisas já *xingam* os adversários.

## **Bibliografia**

AREOSA, A.

1974 *Revista Placar*, 27 de setembro.

DA MATTA, R.

1982 “Esporte e Sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro”. in Da Matta (org), *Universo do Futebol*. Rio de Janeiro, Pinakotheke.

DUARTE, Luiz F. D.

1985 “Identidade Social e Padrões de Agressividade Verbal em um Grupo de Trabalhadores Urbanos”. in Lopes, José S. L. (org), *Cultura e Identidade Operária: aspectos da cultura da classe trabalhadora*. Rio de Janeiro, UFRJ e Marco Zero.

DURKHEIM, E.

1989 *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo, Paulinas.

GEERTZ, C.

1989 “Um jogo absorvente: Notas Sobre a Briga de Galos Balinesa”. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Zahar.

LEACH, E.

1983 “Aspectos Antropológicos da Linguagem: categorias animais e insulto verbal”. In Da Matta (org), *Leach*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo, Ática.

LÉVI-STRAUSS, C.

1989 “Categorias, Elementos, Espécies, Números”. *O Pensamento Selvagem*. Campinas, Papyrus.

MAUSS, M.

1979 “A Expressão Obrigatória dos Sentimentos”; “Relações Jocosas e de Parentesco”. In Cardoso de Oliveira (org), *Mauss*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo, Ática.

MAZZONI, T.

1949 *História do Futebol Brasileiro*. São Paulo, Olympicus.

RADCLIFFE-BROWN, A. R.

1973 *Estrutura e Função na Sociedade Primitiva*. Petrópolis, Vozes.

RODRIGUES, N.

1956 “Bocage no Futebol”. *Manchete Esportiva*, 1956. Reproduzido em 1993, *Às Sombras das Chuteiras Imortais, crônicas de futebol*. São Paulo, Companhia das Letras.

VELHO, G.

1987 *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia das sociedades contemporâneas*. Rio de Janeiro, Zahar.